

HEROES, SANTOS, EL MARTIRES DA PATRIA



SANTA JOANA

ROCHA MARTINS

COLEÇÃO HISTÓRIA

0694

2

1. 2

2. 1

3. 1

Rev 201

17. 20194
P 2675-46

ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

5 Setembro 28

CONSERVATORIA DE PROPRIEDADE
LITERARIA SCIENTIFICA E HISTORICA
BIBLIOTECA NACIONAL
LISBOA

HERÓIS, SANTOS E MÁRTIRES

*te 4
fes.
des
4412*

DA PÁTRIA

A PRINCESA
SANTA JOANA

R. P. L.
6830
B 13
P. 112

CAPA ILUSTRADA POR
ALBERTO DE SOUSA



1.º Fascículo — 2.º VOLUME

COLEÇÃO «HISTORIA»

— RUA DO ALECRIM, 61 —

— LISBOA —

EDIÇÃO DO AUTOR

Os Grandes Amores — de Portugal —

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Linda Inês.
- II. — Desvario de Rainha.
- III. — Flôr de Altura.
- IV. — A Amada do Camareiro.
- V. — O Drama de Vila Viçosa.
- VI. — Relicário de Paixão.
- VII. — «Senhora de Bem Fazer».
- VIII. — Sóror Mariana.
- IX. — Sombra de Rei.
- X. — Madre Paula.
- XI. — Dona Flôr da Murta.
- XII. — O Bichinho de Conta.

Heróis, Santos e Mártires — da Pátria —

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Rainha Santa.
- II. — O Condestável.
- III. — O Vêdor de Sagres.
- IV. — Infante Santo.
- V. — Cavaleiro da Morte.
- VI. — O Decepado.
- VII. — A Princesa Santa Joana.
- VIII. — Vasco da Gama.
- IX. — O Grã-capitão.
- X. — D. João de Castro.
- XI. — Camões.
- XII. — O Fantasma de D. Sebastião.

Comp. e impr. na —
Rua do Alecrim, 61
— LISBOA



PRIMEIRO QUADRO

RAZÕES PODEROSAS

SORRINDO, alegremente, a princesa D. Joana apparecera na sala do paço onde seu pai, el-rei D. Afonso V, a mandara chamar.

Os embaixadores de Luís XI, de França, que a vinham pedir para um dos príncipes, ficaram deslumbrados.

Alta, elegante, de cabelos loiros, como um resplendor aurifulgente, verdes os olhos lindos, carnudos e vermelhos os lábios, tinha desenvoltura, viveza, na sua quási infância, além de aprumo e ardimento.

Fizera a vénia em resposta ao beija-mão dos diplomatas e retirara-se com o monarca que aguardava de sua bôca a resposta ao que lhe dissera, antes de a introduzir na sala onde a esperavam os convidados do pretendente.

Não se deteve em fingidos rebuços, pelo menos na aparência. Sòmente, encarando-o, volvera dum modo que parecia de profunda justeza:

— Pois que sou eu a herdeira da corôa de

A PRINCESA SANTA JOANA

Portugal, na falta de meu senhor irmão, o que Deus afaste, como quereis, meu pai. que vá noivar?

Cairam com precisão no real ânimo tais palavras.

Várias vezes se lhe anevoara o espírito, ao pensar que o príncipe D. João, tam mocinho ainda, andando nas guerras, depois, poderia falecer; sem mais descendência real, o trôno ficaria vago e de perjuro seria para o futuro aquêlê consórcio.

Ao mesmo tempo, sempre ambicioso da corôa de Castela, desejando unir os dois reinos, o que fôra eterno motivo de querelas, desde velhos tempos, convinha-lhe a aliança com o ardiloso potentado cujo desejo, naquêlê momento, consistia em tornar-se seu parente.

Parecia-lhe irrespondível a razão apresentada pela filha e, dando aos embaixadores desculpas acêrca da idade do noivo, demasiadamente jóven, deixara entrevêr que, num futuro próximo, a aliança se poderia realizar.

Não informara D. Joana de seu adiamento; revira-se na sua belesa, que lhe recordava a a da espôsa, a encantadora Isabel, filha do Regente, a qual deperecera pouco a pouco após a morte do pai, naquela lide trágica de Alfarrobeira (!)

Nunca mais acudiram a seu rosto as saudáveis tintas de júbilo; roía-a a dôr intensa do desespêro por não ter evitado o hórrido lance e mal pudera encarar, daí àvante, o espôso que, para usufruir a glorióla dum combate, quási assassinara o mais leal, digno, nobre e sábio cavaleiro das Espanhas.

(!) *O Cavaleiro da Mortê*. Colecção «História».

Taciturnara-se na intimidade; dera-se muito à oração.

Aquela filha era o produto das suas mágoas. A soberana fôra estéril, durante largo tempo. Casara muito menina. Ao cabo de três anos da vitória do marido sôbre o duque de Coimbra êle levava-a a Lamego, à ermida de S. Domingos da Queimada e, ajoelhando diante do altar, solicitaram a graça dum herdeiro para a sua corôa.

A filha da vítima de tantas intrigas sentia o diadêma salpicado do sangue de seu pai e do conde de Avranches; a tristesa esmaecia-lhe o semblante formoso, mas orara cheia de fé, porque um pequenino ser para os seus beijos tornar-se-ia no lenitivo de tantas desditas. Joana veiu ao mundo no comêço de Fevereiro (1) e era muito linda.

A mãe, tôda devota de S. João, quizera dar-lhe o nome do Evangelista e, sob a sua égide, a criancinha se baptisara e entre orações crescera.

Não era, porém, de melancolia, pelo menos à vista dos cortesãos, a bela princesinha; brincava e ria, como tôdas as crianças, e ao desabrochar, em tanta gentileza e formosura, todos lhe prognosticavam um belo consórcio e um pomposo e elevado trôno.

Os reis da Europa ambicionavam muito as alianças da Casa Real portuguesa.

Grande fôra o júbilo no paço quando tinham chegado pintores para a retratar. A fama da sua belesa correrá mundo e os monarcas mandavam pedir licença para os artistas, seus enviados, passarem às telas as encantadoras fei-

(1) 1452.

A PRINCESA SANTA JOANA

ções da filha de D. Afonso V. Iam quasi todos descontentes com as obras produzidas porque ella excedia em esplendor tôdas as perfeições de seus pincéis.

Exiguos eram os recursos, por maiores, ante a fisionomia adorável da princesa; vagas as tintas para pintar o brilho de seus olhos verdes; mesquinhas as paletas para os tons de suas faces lírias e, ainda menos próprio para a fidelidade da reprodução, o oiro empregado para a côr de seus cabelos sem igual. A-pesar das cópias não atingirem as prendas da retratada, os soberanos sentiam-se deslumbrados.

Joana era maravilhosa de belesa e dominadora de graças.

Sentiam seu influxo as aias e as mestras; a camareira D. Brites de Meneses, filha do conde de Viana, o celebrado capitão de Ceuta, os sacerdotes, vèdores e servos, porque sabia requerer como se supplicasse e mandar como se pedisse.

Fizera-se dela o mimo do paço. Alegrava o ânimo ligeiro e volúvel de el-rei; tornara-se no consôlo da mãe; fascinava os vassallos que a viam passar como um ídolo, no toucado de seus cabelos de oiro, elmo rebrilhante, auréola fulgente, natural corôa de imperatriz.

Pelo menos todos desejavam que o fôsse, como sua tia, a também deslumbrante D. Leonor (1), futura soberana nas terras vastas e agitadas da Alemanha.

Ella, porém, não se mostrava apressada. O casamento mal lhe sorria. Os anos de sua juventude desejava passá-los em Portugal — era

(1) *Relicário de Faixão. Colecção «História».*

o que repisava — toda cheia de intenso amor pela sua terra, orando para ficar no país, longo tempo ainda, por mais brilhantes destinos que lhe apontassem.

Por isso, também se dizia baixinho, quando tinham chegado os embaixadores, ela encontrara o pretexto esplêndido de se dizer a herdeira do trôno, a-fim-de não se tornar a noiva do estrangeiro.

Seu irmão, o príncipe, dentro em algum tempo, uns quatro ou cinco anos, tomara a lança e o arnês para correr em fossadas; mais tarde seria rei e, então, assegurada a descendência, poderiam casá-la. Ninguém objectava a tam justas e poderosas razões.

A princesa falava como um político e os dizeres provindos de seus lábios tinham o sabor gracil de frases de criança.

Atenderam-na. Deixaram-na ainda sem noivo e mandando-a recolher aos seus aposentos e às suas distracções, preparavam-lhe, ao mesmo tempo, um consórcio para essa época de segurança na sucessão do trôno.

Havia uma sentida repugnância nos dizeres da princesa e isso perturbava também o rei que, embora ambicionasse a aliança com Luís XI, não queria a filha sacrificada.

Afastara-se, pois, para mais distante época o consórcio; despediram-se, com estas promessas, os enviados reais, e Joana, ao recolher ao seu quarto, tinha tanta alegria no rosto que logo as damas se aproximaram, em busca da boa nova.

Quando se trata de casamentos, tôdas as mulheres velhas remoçam e tôdas as meninas tomam geitos de mais idade.

A PRINCESA SANTA JOANA

O amor, passando com seus sorrisos, numa assembleia feminina, transforma e agita. Parece que o ar batido por suas azas torna mais formosas tôdas as frentes e que nos corações viceja um ramo rescendente que perfuma e alegra.

Assim, ao vêr-se regressar a princesa, da recâmara paterna, as curiosidades despertaram-se e as damas correram a ouvi-la.

Nêste período da sua vida, já não tinha mãe a quem confiar seus verdadeiros pensamentos.

A rainha morrera; fôra entregue à filha a sua casa, com o séquito das aias e açafatas; ela, porém, a-pesar-de todos os afagos, sentia a diferença enorme existente entre o amor maternal e os carinhos alheios.

Desprendidamente falou do assunto. Nar-rando, com singelesa, o sucedido; radiosa, sob o élmoo magnífico de seus cabelos loiros, Joana viu as desilusões nos rostos das senhoras e deixou-as desapontadas, porque muito esperavam de tal boda.

Umas imaginavam-se de viagem, partindo com a noiva para França, a gosarem as vistas de novas terras; outras aguardavam tal hora para lusimento de suas galas.

Passou aos seus aposentos; fechou a porta; desceu-lhe no rosto lindo uma tinta suave; ficou meditativa,

Não parecia a mesma. Transformara-se rapidamente. Desaparecera-lhe o riso dos lábios carnudos e vivos e, tocando num pano da parede, abriu uma nova alcôva.

Era um aposento baixo e estreito, um desvão, quási uma cela de monja, com o seu catre paupérrimo, um crucifixo e uma imagem da Virgem. No pequeno espaço que restava,

A PRINCESA SANTA JOANA

a princesa, há pouco tam jovial, ajoelhou e pôs-se a orar.

Joana ficava-se num êxtase, prendia-se na doçura maior de tôdas as suas horas, resando, infinitamente agradecida.

Estava em graça, envergada em trajos de gala. Princesa bem-querida ela era; mas, sob êsse vestido de opulência, a filha da dôce e infeliz D. Isabel, sentia o aperto dos cilícios que de há muito usava, numa pressão que, sendo torturante para outra, ela supunha branda, suave, deliciosa.





SEGUNDO QUADRO

CORÔAS E DIADEMAS

A ALMA maravilhosa e pura da princesa inundava-se de sentimento e a seus olhos afloravam as lágrimas, quando D. Leonor de Meneses, à qual tinham querido casar com D. Fernando, duque de Bragança, lhe contava histórias de muita devoção e fé.

Entre elas surgiam pessoas conhecidas de D. Joana, como era Brites Leitôa, cuja vida parecia um cântico de santidade.

Vira, muito de perto, os males dos grandes da terra, os desesperos e os horrores das famílias principescas, pois tendo sido educada pela duquesa de Coimbra, a avó materna da princesa, que escutava a narrativa, fôra testemunha dos dramas dessa casa.

Tratada com ternuras, muito atendida pelo Regente, como se tivesse títulos parentes, casara-a com um cavaleiro de sua hoste, chamado Diogo de Ataíde. Era grande vassalo, lealíssimo, por todos estimado, mas o seu grande modelo, em honra e brios, era D. Pedro,

A PRINCESA SANTA JOANA

que governava o Reino com justiça e bondade.

Começara a sentir os desgostos do amo e entrevira que o queriam consorciar com a dilecta da casa. Fôra refugiar-se em S. Domingos de Bemfica, em procura da paz, aborrecido do mundo.

Lá o encontraram; decidiram-no à união e, recebendo as honras de guarda-mór, acompanhou seu senhor em todos os lances de sua existência.

Bem melhor teria sido para êle deixar-se no remanso do cláustro.

As torturas infligidas ao honrado chefe da sua mesnada fôram coadas pelo seu coração. Sentira-as, como se as sofresse.

Estivera em Alfarrobeira, na guerra. Atormentara-se e padecera.

Lavado em pranto diante do cadáver do bemfeitor, quizera dar-lhe sepultura, mas os vencedores afastaram-no rudemente, dizendo ser êsse corpo só digno do repasto dos corvos que já esvoaçavam perto.

Para que servia, nêste caso, ser leal e digno, probo e espelho de cavalaria, se um bando bárbaro e ambicioso, pela estúpida sorte das armas, num instante, dava o triunfo às hordas e a derrota aos dignos?

Diogo de Ataíde pensou, mais do que nunca, em vestir o hábito de frade. Convocou a espôsa para o propósito e, como houvesse filhos do seu matrimónio, deliberaram entregá-los aos parentes, enquanto não chegassem à maioridade. Eram dois rapazes e duas meninas. Passaram às mãos dos afins. Eles, espôso e espôsa, decidiram recolher-se a um eremitério, fugir da Côte maldita onde lhes ofereciam

A PRINCESA SANTA JOANA

novos lugares, presos ambos na recordação do grande senhor vencido, da sua viúva chorando, de um filho foragido em Castela, dos outros odiados e da que mais alto subira — a rainha — triste e desditosa, obrigada a viver ao lado do algoz do pai.

Escolheram um sitio, a duas léguas da vila de Aveiro e ali se refugiaram, até que o gentil-homem morreu e a mulher em maior devoção se acendrou.

A soberana tomara de sua conta a filha mais velha daquêle par sem mácula que, em holocáusto à memória honestíssima do Regente, fugira dos males do mundo.

Linda e de agrado era a narrativa que D. Leonor de Meneses, tôda dedicada à religião, a-pesar-de nova e bêla, fazia à princesa que a escutava, deliciada.

Por êste tempo já se conhecia na Côrte a sua fé. Mandara gravar em tôda a baixela, em vez das armas de Avís, que eram as suas, uma corôa de espinhos, o diadema do Redentor que tanto sofrera.

Nas suas salas, na cela oculta, nas roupas, nas jóias, o emblema sagrado e supliciante recordava-lhe sempre a maldade dos homens que tinham sacrificado o próprio filho de Deus.

— Contai mais, Leonor, contai . . .

A fidalga, muito mal vista das donas da Côrte, por seus conciliábulos com a ama, no fim dos quais D. Joana parecia mais pronta para as renúncias, continuara.

Vivia no seu tugúrio, a dona, quando para ela fôram, desiludidas também das vaidades, suas filhas D. Catarina e D. Maria, além duma velha serva. Visitou-as o sábio dominicano

*A quinta
de Duca?*

A PRINCESA SANTA JOANA

frei João de Guimarães, do convento da Misericórdia, de Aveiro, o qual, ao escutar-lhes as confidências, as instigou a transferirem-se para a vila onde melhor podiam praticar suas obras piedosas.

Instalaram-se em limitado espaço, junto à casa da Virgem Maria, e de tal modo se entregaram à sua fé que jámais as meninas trataram de mãe, mas sim de sua irmã em Cristo, a fundadora da instituição.

Outras grandes damas sentiram-se atraídas para tanta virtude e, entre elas, apparecera a viúva do homem que mais excitara D. Afonso V contra seu tio, o Regente.

Fôra um diplomata parcialíssimo do duque de Bragança. Martim Mendes de Berredo colhera o fruto de suas intrigas com o título de embaixador em França, onde continuara a sua existência de habilidoso menageiro de enredos.

A espôsa, D. Maria Pereira, irmã do conde de Moncôrvo, tomara uma cela no convento aveirense, talvez para expiar as culpas do político.

Reúniram-se, como de propósito, os que tinham visto a perfídia aniquilar o mais digno dos príncipes.

Joana escutava, interessadíssima, aquella história da clausura onde se encerrara Brites Leitôa.

Ela, porém, quizera obra de mais valia; desejara possuir um autêntico convento e abrir suas portas aos que sofressem ou repudiassem o mundo. Desfez-se de tudo quanto lhe pertencia; fizeram o mesmo as filhas, appareceram mais donativos e iam lançar-se os alicerces da igreja e os da fábrica monástica quando,

A PRINCESA SANTA JOANA

sabendo-se D. Afonso V em Coimbra, se lhe solicitara a honra de cimentar a primeira pedra do edificio.

Lá fôra bater, sôbre uma dobra de oiro, o calhau inicial dos fundamentos e, turbado por alguma idéa estranha, dissera:

— Possível que êste mosteiro ainda venha a ser coisa minha!

Ouviram-no os cortesãos e o bispo-conde de Arganil, D. João Galvão. O monarca, ao deixar a vila, prometera proteger as boas religiosas.

— Quem sabe? Quem sabe?

Assim pensava a princesa, ao escutar da bôca da narradora êste pormenor da crónica da fundação do convento, cuja fábrika se fizera tam rápidamente que dir-se-ia terem os anjos ajudado a carretar as argamassas, pedras e madeiras, para que não tardassem a rechear-se de maiores virtudes as paredes erguidas pela vontade divina.

Tinham aparecido embargantes, gente em protestos, reclamadores das terras onde se edificara; e a fundadora correra, nos seus pobres farrapos, até à Côrte, a solicitar o real amparo.

Agasalharam-na em palácio; obtivera os maiores auxílios e desde logo, sagrado o convento, recebeu as suas monjas.

Propositadamente o soberano largara do Porto para assistir à cerimónia, ante a reputação da santidade, da belesa moral, do piedoso enlêvo das que seriam suas habitantes.

Florescera por todo o reino a reputação da casa religiosa de Aveiro e tanto que algumas das mais formosas e fidalgas senhoras da Côrte quizeram ali receber o hábito.

A PRINCESA SANTA JOANA

D. Leonor de Castro e Meneses lá professara.

Confessava-o a D. Joana e via-a a prepassar os lindos olhos na corôa de espinhos pintada em tôdas as paredes da sua alcôva.

— E deixam-vos? — interrogara, turbada.

Ela entrou a contar como seus irmãos, o conde de Tarouca e D. Garcia de Meneses ⁽¹⁾, arcebispo de Évora, o grande ledôr, eloquente e sábio, se opunham a tal desígnio; dizia todos os obstáculos que surgiam à sua volta; confienciava acêrca das razões aparecidas e dos motivos ponderados.

A princesa tornava:

— E vós?

— Quando se ama a Deus sôbre tôdas as coisas, nada contra nós pôde a vontade mais poderosa da terra!

— E ireis?

— Em dias estarei noviça no convento de Jesus, de Aveiro.

Calaram-se. A filha de D. Afonso V reflectia. Imaginava-se muito longe, noutras regiões, distante de seus paços e quando a dama se ergueu para se despedir, não foi como princesa que lhe deu a mão a beijar. Atraíu-a e osculou-a na fronte.

Nessa tarde quiz que a conduzissem ao convento de Odivelas. Levava o pretexto de orar no sítio onde jazia D. Filipa de Lencastre, sua bisavó.

No regresso correu para os aposentos do pai, como se tivesse grande coisa de urgência a dizer-lhe.

(1) Legendas de Portugal. *Justiça de D. João II.* Legenda de Setubal.

A PRINCESA SANTA JOANA

De olhos incendidos de alegria, tomando-a em braços, el-rei exclamou:

— Ficais de Regente do Reino, eu me vou á Africa combater a moirama! Guardai a minha corôa!

— Senhor . . .

Não disse mais nada. A sua desculpa de outróra volvia-se contra ela.

E de joelhos, orando, sorria docemente para o diadêma que mais apetecia: a corôa de espinhos, sangrando no tétó da sua câmara de donzela.





TERCEIRO QUADRO

A VONTADE DIVINA

DAFONSO Ve o príncipe D. João tinham voltado mais tostados pelos sóis africanos e cobertos pela glória da conquista de Tanger e de Arzila com que vingavam os suplicios do Infante Santo.

Docemente, Joana se deixara abraçar pelo pai jubiloso, em seu regresso. Passou, depois, ao amplexo do irmão. A sua alma inundava-se de confianças, de tal fôrma que julgava ouvir de ambos a acedência aos seus intensos desejos.

Vestiu um lindo traço verde, a côr de Avis e da fada esmeraldina. Envergara-se de esperança.

Rojara-se aos pés do altar; implorando a graça de Deus aguardou a mercê. Apertara os cilícios sob as galas e, louçã, prasenteira, em ares venturosos, ao beijar a mão paterna caíra de joelhos e pusera-se a falar-lhe, mansa e enternecedoramente:

— Razão he Senhor, que os grandes Reis, conseguida alguma empreza insigne, agrade-

A PRINCESA SANTA JOANA

ção a Deos a victoria com a melhor offerta de seu animo e que igualmente fação mercês aos que em honra do triumpho buscão a occasião da magnificencia.

O monarca escutava, mais altivamente que outróra. Os troféus ensoberbeciam-no.

Aspirando a uní-la a um poderoso príncipe, encrespara o sobrôlho, ante a continuação da súplica:

— Ardua foi a empreza que Vossa Alteza cometeu, gloriosa a victoria que conseguiu, obrigado está como Príncipe tão pio e tão catholico a agradecer a Deos tão insigne conquista, vencimento tão heroico, e a não negar as mercês a quem opportunamente lhas pede; e pois a offerta que se faz deve ter alguma proporção com o beneficio que se recebe, seja uma filha a offerta de tal simulado beneficio.

Entregava-se ao Altíssimo; queria renunciar ao mundo; e o soberano, mais enviseirado, como se não a comprehendesse, ficava-se mudo.

Ela, porém, encontrara em seu ânimo fôrça sufficiente para não deixar em meio a prece, na qual punha tôda a sua sentida fé e repetia essa idéa da «offerta d'uma filha», acrescentando aguardar que a deixasse dedicar-se «a Deus em hum convento».

Parecia alheio às palavras da princesa e só acordou do seu pasmo, provindo naquella hora orgulhosa, quando suavissimo pedido o perturbou:

— Sou eu que justamente requeiro de Vossa Alteza, que fazendo de mim este sacrificio me faça esta mercê e da piedade que Vossa Alteza para com Deos, do amor que sempre usou para comigo, espero pague a

A PRINCESA SANTA JOANA

Deos o que lhe deve e me conceda o que lhe rogo.

Não aguardara que a Côrte se dispersasse para soltar semelhantes frases; dissera-as ante a nobresa e era tam linda, com seus cabelos de oiro e seus olhos verdes que, mesmo os mais devotos, dolorosamente constataram aquêlê propósito de renunciar ao mundo.

Encerrada numa cela, vestida no hábito grosseiro das monjas, entregue aos jejuns e às flagelações, orando sem tréguas, a sua mocidade dissipara-se, com a formosura, e a encantadora filha do rei, no estado religioso, não passaria duma triste visão.

O pai respondia-lhe, voltado para os gentis-homens:

— Que pensaria; mas era a sucessora do Reino. Não se havia nas mãos a vida; batalhava-se. Podiam morrer êle ou o príncipe, até ambos, e daí o embaraço para o Reino, desde que ela fôsse religiosa.

Ensombrou-se o semblante da crente; e logo acudiram os conselheiros, dizendo que muito bem podia praticar a virtude sem entrar num convento, pois ninguém lho impedia.

Se não a casara ainda — tornava el-rei — para a assegurar na herança da corôa, porque a doaria à fé, que de resto o animava, matando por suas mãos as possibilidades da paz da Nação, logo turbada mal houvesse dúvidas acêrca dos sucessores?!

Com o mesmo sorriso de sempre, afugentando os desgostos das faces, embora os sentisse a roê-la, voltou a ajoelhar-se, ergueu-se, fez a sua vénia e partiu para os aposentos, lançando-se desoladamente sôbre o catre paupérrimo de seu descanso, no desvão da prin-

A PRINCESA SANTA JOANA

cipesca alcôva. Criara para si um canto dedicado à penitência.

A' medida que resava enchia-se-lhe de maior confiança o espirito onde só aquela luz fulgia.

O irmão avigorava-se em saúde e rjeza; mostrava no aspecto o desembaraço duma fôrça hercúlea e nas palavras a chama duma inteligência superior. As guerras na Africa adiaavam-se. Seria êle o rei e o céu concedia-lhe que no cérebro do pai relampejasse num instante um clarão favorável a seu desígnio.

Solicitou-lhe as atenções com maior ansiedade; julgou vêr transformado o seu espirito volúvel e, juntando as suas graças, ao domínio de sua belesa, a crença enorme que a tornava eloquente; vibradas no coração as fibras do seu amor, despertando-lhe a idéa dos mimos com que outróra a favorecia, arrancou-lhe uma promessa que, sendo vaga, ao começo, se foi intensificando, a cada nova carícia, aos argumentos de sua voz macia e unvida pela divina graça.

Consentira, a Altesa, que se recolhesse por um tempo a algum mosteiro, mas sem a pronúncia de votos, pois podia ser precisa a sua pessôa, dum momento para outro, visto ninguém poder penetrar os decretos de Deus.

— Que Êle não permitiria que se desligasse de seu serviço,

Os seus cabelos de oiro aureolavam-na, como os resplendores das santas.

Ficou ainda uns meses no paço.

Protestara-se, de novo, na Côrte. Dizia-se que «os Principes de que dependia a Corôa, não podião dispor de si em damnos do Reino».

Deixava olvidarem-se as palavras de ne-

A PRINCESA SANTA JOANA

gativa dos conselheiros; sòmente recolhia a recordação do consentimento paterno e voltava a relembrar-lho, num ar convicto, de certezas nos lábios, com resolução na fronte:

— Mandasse Sua Alteza encarregar a quem lhe parecesse as cousas do Paço que ella, no novo estado de sua vida, não havia levar comsigo senão as pessoas que na clausura houvessem de viver á sua semelhança.

Despojava-se. Era a renúncia. Logo novos embaraços se antolharam no caminho dos desejos. Reinava uma grande tristesa na Còrte. Já chegara até ao povo a aspiração da linda princesa e lamentavam-na, como se procurasse a morte.

Dava-se a Deus; queriam-na para si. Ela, porém, não ía ser monia, mas apenas repousar das pompas, na humildade.

Assim se explicava a sua passagem do palácio real para o mosteiro de Odivelas, para onde a acompanhava sua tia D. Filipa.

Esta senhora, dotada de talentos superiores, era a filha do vencido de Alfarrobeira. Brilhava na intelligência e nas virtudes do Regente; herdara-lhe as qualidades. Recebera seu nome em honra da avó, a inglêsa de rara isenção e rígida vontade. Também parecia uma digna sucessora do seu estoïcismo.

Escrevia, com primores, coisas de santidade e até conselhos políticos; cercavam-na de respeitos. Era a sombra da vítima honrada, dominando entre os cortesãos do crime.

Com a sobrinha, neta do morto, refugiara-se no convento, decerto mostrando-lhe muitas vezes o pouco que valiam as pompas, ao relembrar-lhe o fim trágico do grande cavaleiro e do seu fiel saldunes, o conde de Avran-

A PRINCESA SANTA JOANA

ches. Entraram ambas nas celas que escolheram, as de todo humildes. Nem uma nem outra ambicionavam mais do que o sossêgo para a oração.

Vestiam ainda os trajos seculares mas dum talhe que recordava os hábitos das recolhidas. Tudo indicava a renúncia.

O rei, na sua costumada volubilidade, ia esquecendo o desígnio da filha. O príncipe, porém, habituando-se, pouco a pouco, a intervir, com sua vontade forte e segura, nas flébeis determinações de Afonso V, entrara em cóleras.

Diziam-lhe, sem que o convencessem, porém, aquietando-o, de momento, ser assim melhor, pois a princesa, no mosteiro, ficava longe dos olhos profanos e porque se faziam «sem necessidade grandes despesas e assi por se evitarem alguns escandalos e perjuizos que em sua casa, por não ser casada se podiam seguir» (1).

Queria dizer-se que estava sugeita à paixão de algum cavaleiro; possivelmente argumentariam com sua beleza fascinante, talvez com as loucuras que inspirara a encantadora D. Leonor, sua tia; e desta maneira, D. João a deixara partir, vigiando, comtudo, o seu viver na clausura.

Receava vê-la tomar o véu, fugir ao enlace que a sua política, de futuro, podia exigir.

O soberano e o herdeiro da corôa iam, por vezes, a Odivelas; entravam no mosteiro e eram recebidos, de semblantes alegres, pelas duas senhoras.

A princesa estava cada vez mais linda;

(1) Ruy de Pina. *Chrónica de D. Afonso V.*

A PRINCESA SANTA JOANA

D. Filipa ganhava em ilustração, porque seu entretenimento maior consistia em avigorar o espírito na leitura.

Ao cabo de dois meses Joana declarava decididamente ao pai o desejo de ser freira.

O seu pensamento dominante não a atraía para os pomposos mosteiros como aquêlê ou o de Santa Clara (1) de Coimbra, únicos onde lhe consentiam a estada. Era a humildade da clausura conventual de Jesus, de Aveiro, que a sedusia e torturava. Ambicionara ir para êsse cenóbio de mulheres nobres e santas que viviam mais próximas do céu, a-pesar-de ocultas na mesquinhez de suas celas.



(1) *Santa Isabel*. Colecção «Histórai».



QUARTO QUADRO

A PRIMEIRA AUREOLA

NO meio de Junho ⁽¹⁾ decidiu-se a tentar o passo que era a única razão da sua vida. Partiu para Aveiro com a tia e com uma religiosa, sua amiga, D. Mécia de Alvarenga.

Jornadeava-se devagar, sob o calor. Dispensara as honrarias, mas levava a escolta própria de uma princesa. Imaginavam que se dirigia para Coimbra e ela, ao chegar a Pombal, declarou terminantemente preferir o convento onde se vivia em maior modéstia.

Disse-o a el-rei; abriu-se, num desabafo incontível: «não convinha á sua resolução, nem ao seu espírito, ir para onde havia senhoras com fausto e com grandeza, quando só procurava Religião com que viver com pobreza e humildade.»

Conduziam-na, pois, a Aveiro e poucas vezes tanta alegria enchera uma alma como naquêlê momento se inundou de júbilo a da lindíssima D. Joana de Portugal.

(1) 1472.

A PRINCESA SANTA JOANA

Entrara na cela que lhe deram; D. Mécia ocupava outra; a tia foi residir para uma morada visinha, com as cinco servas conduzidas de Odívelas.

Largamente se proveu à decência da filha do rei; ela, porém, tudo dispensava, porque só comia o imprescindível a seu parco sustento e vestia-se duma vasquinha branca, saio negro de pano ordinário e enovelava seus fulgidos cabelos de oiro numa coifa de linho, para que as tranças, tam deslumbradoras, não atraíssem os olhares.

Era-lhe impossível ocultar sua formosura, a belesa de seu rosto, a expressão dos olhos verdes, que tanto a miude se volviam para o céu.

Praticava tam humildemente que as próprias religiosas se admiravam de sua perene oração.

Sentava-se nas últimas cadeiras do côro porque se considerava ainda muito longe das virtudes das suas companheiras; nem mesmo queria usar os objectos mais comuns que pudessem trazer-lhe de lembrança suas passadas pompas. Em vez de castiçais de prata, ou de candelábrs, em que mandara gravar a corôa de espinhos, Joana preferia dois buracos numa pobre mesa, onde punha as velas para se alumiar, ao lêr as orações de matinas.

As suas preces ao Altíssimo eram apenas para lhe permitir tomar o véu de monja e deixar de vez o mundo, esquecendo a sua jerarquia real.

Havia, porém, as altas razões políticas, a dominar as vontades. Estranhamente a punham. O irmão ainda não era casado. Dum

instante para outro podia carecer-se chamá-la ao trôno.

Ajoelhava-se cheia de piedade e, num fervor enorme, solicitava do céu que dêsse uma noiva, virtuosa e linda ao príncipe e, logo, um herdeiro para o sólio português.

Nêsse dia, ela, renunciando a todos os privilégios, sentindo-se liberta das honrarias, poderia voltar a sua alma exclusivamente para Deus e só em preces viver.

Viessem, depois, pedir a sua mão diáfana os príncipes e os reis que ela, amortalhada no seu hábito, dir-lhes-ia ter já dado o seu amor e possuir um noivo sem igual: Jesus.

Quizera ser professa, a-fim-de fazer os trabalhos vulgares, de varrer e de limpar as celas, rejubilante porque assim mais se aproximava da santidade, fugindo às isenções que o nascimento lhe outorgara.

Pedi, encarecidamente, licença para envergar a almáfega monástica.

Tratara-se já do consórcio do príncipe com sua prima D. Leonor, filha do infante D. Fernando, duque de Viseu, o herdeiro de D. Henrique, seu tio.

Coberto pelos loiros de Arzila e noivo, levantando já a voz nos conselhos, D. João continuava a estranhar aqueles desejos da irmã. Não foi de seu agrado a cerimónia de tomar o hábito a que ela se decidira, finalmente satisfeita, querendo libertar-se das garras dominadoras, dos preconceitos da estirpe.

Lutou, ainda; venceu dificuldades. Dizia tratar-se dum noviciado, a-fim-de vêr se, realmente, a sua índole a chamava para a clausura.

E o casamento? E os pretendentes, os

A PRINCESA SANTA JOANA

príncipes que desejavam contrair as alianças?!

Faziam estas perguntas os cortesãos, em lisonja ao herdeiro da corôa e ela, teimosamente, declarava à priora querer cumprir seu desígnio.

Recearam satisfazê-la. Argumentou com uma promessa feita e à qual não desejava faltar. Guardar-se-ia, por enquanto, segrêdo de sua resolução.

Estava-se no mês de Janeiro (1) quando se lançou aos pés da madre superiora, confessando suas ambições. Escutou-a. A cabeleira de oiro da princesa caiu junto dos altares. Lembrava um tesouro, por sua belesa, brilho e mimo. Quizeram guardá-la, como se fôsse já a sua auréola de santa.

Os cabelos femininos mostram muito das pessoas de suas possuidoras. Um débil fio é, às vezes, um mundo. Sua flexibilidade, a côr, a maciesa e o perfume dizem da dona, quási tanto como uma fisionomia. Alguns evocam serpentes; os cabelos de Joana constituíam o diadema de sua virtude.

Não se daria por sua falta porque usava sempre bem ocultas as tranças na coifa alva que adoptara.

Chorava-se à sua volta. Ela vertia também um pranto que lhe banhava as faces formosíssimas, descendo de seus olhos verdes, mais lindos sob as torrentes de lágrimas borbotando de mananciais encantados.

As monjas soluçavam, confrangidas pelo holocausto da princesa; consoladoras eram as torrentes que lhe inundavam as faces.

(1) 28 de Janeiro de 1475.

A PRINCESA SANTA JOANA

No dia seguinte redobrava de humildade. Votada a Deus, queria mostrar o seu desapêgo do mundo.

Entrara no noviciado. Envergava a humilima túnica de sarja, punha a toalha sem adorno contra o rosto; seus lençóis eram de estamemha, de riço atanado se calçava e queria, por suas mãos, tam lindas, que se tinham destinado a um sceptro, amassar o pão, bater a roupa com vigor, que encontrava em seus nervos, lavando as pesadas peças; varrer o solo e servir à mesa, como uma criada. Persistia em que olvidassem a sua qualidade de princesa; escaldava-a o seu sangue real.

Apresentava-se feliz, nos baixos mestéres que escolhera; praticava-os como se jámais tivesse feito outros; curtiã-se ao sol, labutando na horta; descia às fainas de somenos, até às mais imundas, como se fôsse uma escrava.

Com isto era a primeira nas devoções; roubava-se ao sôno e ao descanso para resar e seu rosto, ao esmaecer-se, tornava-se mais formoso, ou antes modificava-se-lhe a belesa.

Se lhe ofertavam qualquer mimo, um doce, um fruto, punha-os de lado ou dava-os a qualquer das companheiras, querendo sustentar-se, apenas, do indispensável para manter suas fôrças, agora tôdas dedicadas ao serviço divino.

Usava cilícios e disciplinas, magoava as carnes deslumbrantes; parecia a mais ditosa na penitência e na amargurada vida que escolhera.

Lidava assim a régia monja, que já devia estar notada, no céu, como para dissipar de sôbre a cabeça do pai o crime hediondo de ter assistido, gloriado, à morte do Regente,

A PRINCESA SANTA JOANA

em Alfarrobeira. A neta da vítima, a filha do algoz, era o holocausto à trágica batalha, na qual se perdera a lealdade.

E aquêlê cadáver dum príncipe atirado às bicadas dos corvos famintos, insepulto e despresado durante tanto tempo, fôra o selvático bodo dos abutres e o consôlo dos canibais enfuriados que se diziam cavaleiros cristãos.

Meu Deus! Meu Deus! Como aquilo sucedera!

E Joana orava, em penitência, evocando as santas do empírio e mantendo vivas as recordações escutadas à tia e à mãe, acêrca do dramático lance que lhe roubara o avô.

Jamais folgava; tampouco tinha o gôso dos recreios durante a hora do dia em que às noviças era permitido brincar. Dera-se tôda a Deus; inteiramente pertencia à religião.

Quando o seu môrdomo lhe trazia os réditos, imediatamente os queria distribuídos e não se contentava apenas em fazer bem dentro do convento, mandava inquirir da pobreza das visinhanças e lenitivava-lhe as dôres.

Aos moiros que o pai lhe trouxera de Arzila, cativos, para seu recreio e serviço, mandara-os baptisar e logo lhes dera a liberdade, os tornara forros, porque eram almas de Deus e ela não queria bens de nenhuma espécie e, menos ainda, os que eram humanos, já cheios de graça, convertidos à fé.

Vivia quási só; refugiava-se na oração e com D. Filipa se entendia.

Começara a constar no Reino o noviciado da princesa, o sacrifício de seus cabelos, a investidura no hábito e logo acorreram os procuradores dos povos a solicitar-lhe que deixasse a religião. Apareceu, a súbitas, o



«**S**ACRIFICANDO ao casto amor de sua pureza o magestoso desprezo de tantas Corôas; quem tem fino amor a Deos não estima as grandezas do Mundo.»

(D. Fernando Correia de Lacerda — *Virtuosa Vida e Sancta Morte da Princeza Dona Joanna*).

A PRINCESA SANTA JOANA

príncipe, em protestos. Vestira-se de luto, trazia a barba crescida, em sinal de dó, e encrava-a, enfurecido. Acompanhava-o D. Garcia de Meneses, o irmão de D. Leonor, que a atraíra para o convento de Jesus, de Aveiro; e ela, no seu hábito de noviça, acolheu-os serena, grave, segura da vitória e cada vez mais linda, belesa do céu, detestando a terra enganadora.

AS RAZÕES DA DOCE JOANA

CONTAR-SE COSTUMAVA A REINAR
A DOCE JOANA, A PRINCESA REAL, A VITÓRIA
DA PRINCESA JOANA.



O príncipe D. Álvaro pertencava
como em todas as partes houve homens de muita
simplificação para se pôde dizer a vida
de príncipe, pois a qual se encaminhava a
palmeira, quando mais soltar um espírito de
a voz que a chama para a guerra divina.

Ante de mais de três a uma hora familiar
na dita convento hallava, buscando alisar
de penitência um príncipe que expiava sob um
velho hábito de monge, o mais humilde dos
santos (1) e o qual devia um humilhado de
que praxi cado e era, agora, a filha de
D. Álvaro V.

As palavras mais belas são as conclusões
da alma são como as cargas de palavras de

(1) História de Portugal, Lisboa, 1853.



QUINTO QUADRO

AS RAZÕES DA DOCE JOANA

CONTARA-SE pouco com a fé resistente da noviça de sangue real, ao imaginar-se levar-lhe a vitória.

O arcebispo de Évora pleiteava, como em causa própria. Era homem de muita eloquência mas nem conseguira desviar a irmã da profissão, para a qual se encaminhava a princesa, quanto mais abalar no espírito desta a voz que a chamava para o serviço divino.

Anos depois êle iria a uma lapa humilíssima dum convento italiano, buscando afastar da penitência um primo que expiava, sob um velho hábito de monge, o mais dolorido dos amores (1) e o qual seria tam insensível às suas preces como o era, agora, a filha de D. Afonso V.

As palavras mais belas ante as convicções da alma são como as cargas de pólvora des-

(1) *Relicário de Paixão. Colecção «História».*

A PRINCESA SANTA JOANA

tinadas a arrancar rochedos mas às quais não se comunique fogo suficiente. Brillham no rasilho, mas apagam-se, antes de produzirem a explosão.

Debalde o príncipe encarrancava a frente; as suas frases inflamadas resvalavam sôbre o peito da religiosa como uma gôta de chuva numa áspera couraça.

— Ella devia sahir do convento e acompanhá-los desde já; reentrando na Côrte serviria o Reino porque sua presença se tornava indispensavel. Não tinha o direito de abandonar o paço, de esquecer o seu nascimento, o grande papel que lhe cabia no mundo, para se refugiar numa cella. A outras ninguem estranhava tais renunciás ou, se as lamentavam, não havia razões poderosas para as conduzir aos seus deveres. Ella, porém, era de sangue real e a jerarquia chamava-a a diversa situação.

Ouviu-o, na mesma serenidade de quem sabe vencer durante o combate e volveu:

— Estava ali, tinha deixado o século, porém «com o beneplácito de ambos se tirara do mundo para a religião e não lhe estava bem sahir da religião para o mundo porque o que era indecente a qualquer pessoa não podia deixar de ser ignominioso á sua.» (!)

Fizera uma pausa e punha-se, de seguida, a amontoar argumentos, numa lógica celestial:

— Tomara aquella resolução por lhe parecer que não seria desagradavel ao mundo a acção que era agradavel a Deos; que respeitava seu pai, mas que, seguindo a Christo que

(!) D. Fernando Correia de Lacerda — *Vida e Morte da Princesa Santa Joanna.*

a chamava, lhe não desobedecia nem perjudicava ao Reino porque o mesmo Senhor que escolhia por seu esposo havia de ser servido dar sucessão a Sua Alteza, sem que fôsse necessario esperar pela sua.

Acabara; corriam-lhe as lágrimas pelas faces, em torrentes, mas não soltava um só soluço; antes mantivera a voz firme, rija na intenção, modulada no tom e de tal maneira impressionara que D. João se volvera ao auxilio do bispo.

Mal diriam ambos como um puniria o outro, anos depois, no mais horrível dos supplicios (1).

O herdeiro do trôno «queixando-se-lhe de sua obstinação, ordenou-lhe que a persuadissem com sua elegância.»

Á pôr-se à prova a habilidade dum prelado mundanal, embora de superior engenho, diante duma alma simples, porém, tocada pela graça de Deus.

Repisou as razões do príncipe; juntou-lhe outras de «vivo engenho, alentadas de seu espirito animoso»; adiantou-se mais em audaciosos propósitos, fóra da etiqueta; «passou dos termos da modéstia além das liberdades da confiança», quási a acusou de má filha, desobediente e teimosa, a cometer dois crimes, como vassala e herdeira da corôa, num lance que o céu afastasse.

Escutava da mesma fórma, grave, serena, estancadas as lágrimas, lampejando-lhe no rosto a doçura de seu ânimo, mas também o esplendor de sua intensa fé.

(1) Legendas de Portugal. *Justiça de D. João II.* Legendas de Setúbal.

A PRINCESA SANTA JOANA

Ele, na audácia dum homem habituado às guerras e às salas, aos duelos e aos livros, contava levar os troféus e não queria sair dali despojado: «que se não deixasse o habito e o convento, faria a fôrça o que não poderia persuadir a razão, porque então passava aos foros da razão a fôrça. Em pedaços vos arrancarão esse habito.»

A princesa sentiu-se amesquinhada; porém, mal se revoltou. De há muito deixara a vaidade. Arrepanhara-a, porém, um grande medo, o terror de a levarem da casa que elegera, para as pompas da Côrte. Encarou o politico e lembrou-lhe que era prelado, que seus votos o ligavam à Igreja e sua profissão o jungia aos preceitos da crença:

— Como pôde deixar de ser esquecimento de vossa profissão propor-me uma acção contra a fé de vosso juramento?

Jogava-lhe, divinamente inspirada, um grande e rude golpe e, sem detença, bravamente, continuou:

— Obrigação era do character que tendes aplacar a ira do principe e conciliar-me a sua benevolencia e não inficionar com a mortal peçonha do odio o que deveis remediar com a vital triaga da claridade; vós, a quem incumbia aconselhar que se não entrasse por estes sagrados claustros senão para sua honra, entrastes n'elles por sua injuria, parece que não considerais que esta casa é de Deos que ha de acudir por ella e não pôde deixar de ser sem castigo vosso, pois advogais contra Ele.

Causava o pasmo de D. João a eloquência de sua irmã, que sempre conhecera tímida, a-pesar-de buliçosa.

D. Garcia de Meneses pertencia muito à

sociedade; perdia-se em galas, mais do que em práticas religiosas. Resvalaram ainda sobre o seu ânimo aquelas frases sentidas, às quais Joana acrescentava outras de maior veemência e mais seguro efeito:

— O mesmo Senhor vos ha de castigar por me persuadir a que retroceda; premiará a el-rei por me consentir que prossiga; meio eficaz será o casto sacrificio que de mim faço para que o principe logre a larga sucessão que deseja, pois para os bem casados mais obram os sacrificios divinos que as diligencias mortaes.

Indignava-se à recordação do que lhe ouvira: «chamais appetite ao que é vocação; se isto com vós fôra ignorancia não tinha que vos dar resposta, mas sendo fingimento não posso deixar de acusar a adulação.»

Era mais bela no seu rasoado, que não detinha, proferindo-o conforme lhe acudia aos belos lábios: «dizei-me o que quereis por obedeceres ao que o principe quere; por fazer uma lisonja á sua vontade quereis fazer ao meu espirito um engano; mas não ha de obrar comigo o engano, ainda que com elle obre a lisonja e, seja qual fôr o vosso intento, a minha intenção é passar a vida na clausura, ainda que a clausura me apresse a morte.»

Chegara ao fim. Não mostrava o menor cansaço. Esplendia-lhe o rosto formoso. Sentia no seu coração um alívio; não a aureolavam os louros do triumpho, porque só os considerava nascidos da corôa de espinhos, arvorada, como uma sagrada reliquia, em todos os objectos de seu uso.

D. João mostrava o mesmo colérico semblante; sentia-se referver, antevendo a derrota

A PRINCESA SANTA JOANA

e pôs-se de novo em convencimentos, sem poder amaciar a voz. Ela repelia as razões de ambos; mostrava-se muito sentida; decidia-se a ficar ali, não acreditando que a levassem à fôrça. Um poder enorme a defendia; uma crença sem igual a sustentava; o maior arnês — o da fé — a livrá-la das arremetidas, era o resguardo do seu corpo puro.

Saudaram-na; partiram do mosteiro de Jesus. Num arremêso se retirou o príncipe; numa vénia se despediu o prelado. Joana prostrara-se nos lagêdos, pedindo perdão a Deus da zanga que a acometera, dos vaticínios que fizera.

Era crível que, em sua santidade, tudo tivesse entrevisto: o castigo do bispo, pois se lhe talhava o sofrimento, e bem doloroso, infligido pelo futuro rei, na defesa de suas prerogativas. Emquanto ao céu abençoar o consórcio do irritado príncipe, também assim sucederia; porém, gerando um tormento enorme para a alma rude do guerreiro e do político, ao vêr morto o seu sucessor e não podendo dar a corôa, caída da cabeça ensangüentada da vítima, ao bastardo do seu único affecto (1), o qual seria feliz, venturoso.

É que o irmão de Joana praticara a vingança, arrebatada, castigando por suas mãos reais, longe das justiças.

As felicidades que vaticinara ao pai, a D. Afonso V, também não o acalentariam. Cabia-lhe expiar o crime da tarde da batalha de Alfarrobeira, o sacrificio do leal duque de Coimbra, o abandono do seu cadáver para

(1) Legendas de Portugal. *Pelicano Real*. Legenda das Caldas da Rainha.

A PRINCESA SANTA JOANA

repasto dos corvos (!). Ela é que ficaria, para sempre, pura e santificada sob aquêlê hábito humilde pelo qual trocara as galas de filha de rei, tendo sôbre o seu véu a nobre auréola da virtude, mais fulgurante que todos os régios diadêmas.

Praticava as difíceis penitências a que se impunha; dedicando-se aos ásperos trabalhos acabara cedendo à fadiga, e a comunidade, aterrada, via-a no seu leito duro, de olhos no céu, sorrindo à sangrenta corôa de espinhos.



(!) *O Cavaleiro da Morte*. Colecção «História».



SEXTO QUADRO

OBSTACULOS AOS VOTOS

A PARECERAM a contrariar a religiosidade de D. Joana de Portugal os superiores da ordem dominicana, alegando sua débil saúde.

Dirigiu-se-lhe o vigário-geral, a contento de el-rei, desejoso de vêr sua filha fóra do mosteiro, para onde sua devoção a arrastara.

Macerada, pálida, diáfanas as mãos, côr de desbotadas camélias os seus lábios, só nos olhos verdes, lindíssimos, guardava o fulgor das safiras nascido da febre, o brilho estranho das pedras preciosas no semblante da imagem santa.

—Que não poderia ser professa, diziam-lhe os varões sapientes da Ordem: «melhor seria volver-se a outro ar e a mais proveitoso tratamento, podendo cumprir seus votos e praticar as virtudes, sem vestir o habito que, ao separá-la da sua hierarquia, tambem lhe abalava a existencia, pois ia a suicidar-se lentamente com continuados jejuns».

—Pois bem. Já que não a deixavam ser

A PRINCESA SANTA JOANA

religiosa, ficaria ali recolhida! «assi se conheceria que suas determinações não forão levemente tomadas, erão superiormente desuadidas».

Obedecia aos prelados dominicanos; não os contrariava revestindo a almáfega de que a queriam isenta, mas em seu coração a fé podia mais do que todas as marcas exteriores do culto.

Ajoelhou-se aos pés da priora. Entregou-lhe o hábito, depois de ter tomado as suas antigas roupas modestas, a sáia, a vasquinha, a touca grosseira e, levando aos lábios esmaecidos tam querido trajo, mais uma vez jurou não abandonar nunca as promessas feitas a Deus no âmago do seu peito, no fundo da sua consciência.

Voltava a ser secular.

Tratavam-na como uma enferma e julgavam salvá-la, aliviando-a do que tinham por um grande pêso para seu corpo, quando não havia maior consôlo para ela além dessas roupas religiosas para as quais se voltava, em queixas:

— Bem conhecia eu, habito santo, — que não merecia trazer-vos.

Mandavam-na renunciar à profissão; obedecia.

Demonstrando, porém, que sua vontade era só uma, volvia-se a contemplar os hábitos bentos, considerados uniformes da sua milícia.

E dizia, nobre e serenamente, dirigindo-se às freiras:

— Já que Deos não foi servido que chegasse a professar; ao menos não deixarei de vos servir e emquanto esta alma animar a este

A PRINCESA SANTA JOANA

corpo, tão para pouco, que me inutilisou para tanto, se não faço profissão de religiosa, faço profissão de vossa captiva: não podem deixar de ser servos de Deos aquelles que, sendo senhores pela origem, se fazem servos pela humildade.

Grandes e, ao mesmo tempo, modestas eram estas palavras da princesa, que a tudo preferia a vida humilde.

Daí por diante redobrou de excessos nos trabalhos, dedicou-se-lhes mais afanosamente, pareceu querer acabar com a vida, doando-a à fâina de bem lidar nas coisas sagradas, sentindo dever-lhes maior carinho, desde que despira o trajo da penitência.

Para lhe mostrarem o seu contentamento ante a submissão e esperançados de que ela voltaria à Côrte e, talvez, aceitasse algum dos consórcios solicitados, o rei e o príncipe, de combinação, deram-lhe o senhorio da vila de Aveiro, seus réditos e mando.

Agradeceu, pelos pobres, que começariam a tornar-se remediados.

Distribuiu sizas e proventos, recheio de celeiros e dizimos, não só ao seu convento mas a clérigos, mendigos, gente necessitada, a enfermos e molestos, acudindo a tôdas as desditas.

Quando a peste invadiu a região, quedou-se, sem medos, auxiliando os desgraçados, sacrificando-se, como era sua doce vontade, seu sufrágio e penitência.

Chegaram, açodadamente, os bispos do Porto e de Coimbra, por ordem de D. Afonso V, a-fim-de a conduzirem para longe. Deixaram transparecer a ameaça de a arrebatarem dali, se acaso não cedesse à régia vontade, ao

A PRINCESA SANTA JOANA

menos por um tempo, enquanto durasse o flagelo. Visse como seu pai e seu irmão a amavam e, por isso, não podiam continuar a deixá-la na terra contaminada. Embora, na melhor das intenções, ela justificasse como um dever a sua presença no mosteiro de Jesus, devia retirar-se, em nome da sua qualidade de princesa.

O receio de lhe proibirem totalmente a assistência na sua querida casa e, desta vez, com o aplauso dos povos, visto sua teima, decidiu-a a partir.

Indicaram-lhe Lisboa e o mosteiro de S. Vicente de Fóra. Sentiu que a atraíam para a Côrte e recusou.

Desejava lugar de menos vistas, de maior recato e modéstia.

Teimaram na resolução e ela, num choro convulso, declarou que só a levariam, acompanhando-a a priora.

Obrigou-se a obedecer.

Voltou a acrescentar que não podia ir desamparada e logo se escolheram cinco religiosas e entre elas as de sua companhia, D. Mécia Alvarenga e D. Leonor de Meneses, além de duas pupilas.

Depois, num convulsivo pranto, abraçou as que ficavam, tratando-as de irmãs; ordenou a seu provedor que coisa alguma lhes faltasse e, beijando o hábito de Brites Leitôa, a sua superiora, indicou-lhe a liteira onde deviam jornadaear.

O soberano escutara-a; consentia-lhe outro asilo, longe da capital.

Seguiram as religiosas num carro, em grande acompanhamento dos prelados e fiéis e, durante esta viagem, a caminho do Alentejo, ja-

A PRÍNCESA SANTA JOANA

mais a princesa deixou de se prostrar às horas canónicas diante do seu oratório, observando as regras da religião, a causar o pasmo de quem a via em tanto zêlo e em semelhante cumprimento dos preceitos.

A priorisa começara a sofrer. Velhas queixas, exacerbadas pelos trabalhos e dôres, a alanceavam.

Tendo realiado grande parte da obra piedosa que se impusera, mesmo a conversão da princesa, podia deixar o mundo.

D. Joana não a abandonava. Tratava-a sem o menor receio, dedicadamente, não temendo o contágio, a morte. Foi a sua enfermeira na vila de Avis, onde a febre a atacara rudemente.

Passaram-na a Abrantes, por ser melhor o clima, mas tanto sofrera durante a viagem, que faleceu, gerando a maior tortura no espírito da sua real discípula e émula, que já andava bafejada de santidade.

Joana andou quási um ano longe do mosteiro e, ao volver-se-lhe, mergulhou mais piedosamente na oração, na virtude, nos sacrificios, que lhe pareciam dôres celestiais.

Agitadamente se vivera no Reino. Houvera guerras; el-rei, desolado, partira do país, em busca de uma aliança com Luís XI contra Castela, onde fôra vencido.

O ardiloso soberano fugia-lhe aos desígnios, enganando-o, turbando-lhe a alma; e, como um peregrino, decidido a nunca mais voltar a Portugal, marchara, com os seus companheiros, numa viagem que só acabaria quando lhe recordassem a qualidade de monarca cujos vassallos, entregues ao sucessor, não sabiam de suas determinações.

A PRINCESA SANTA JOANA

A penitente orava pelo pai, pelo irmão, por Portugal.

Regressou, enfim, o régio viageiro. Entregou-se-lhe, novamente, o mando. Pouco tempo o usufruiu. Seu filho empunharia, em breve, o scetro e começariam as tormentosas lutas para dominar a orgulhosa nobresa.

Era um príncipe inteligente e enérgico, predicados que raramente andam juntos, e tanto assim o julgavam que por tôda a Europa o temiam. Os reis de Castela chamavam-lhe «o Homem» e êle, seguro de seu dominio, cõscio de seu valor, dera-se à tarefa de assegurar a corôa, mas livre de embaraços, querendo-a brilhante na sua cabeça, longe das mãos ambiciosas dos fidalgos.

Votara-se a um grande amor. Fascinado pela belesa duma dama que o adorara, vira nascer, da sua ligação com D. Ana de Mendonça, um filho, o qual se tornara, desde logo, um grande embaraço na sua vida.

Sentia um subido respeito pela espôsa, a rainha D. Leonor; andava apaixonado pela amante e, dedicando um enorme affecto ao bastardo, ao seu D. Jorge, procurava encontrar quem o educasse e tivesse para êle os carinhos que a mãe, aia da Excelente Senhora, estava impedida de lhe proporcionar.

Pareceria muito mal aquella criança na Côrte, muito em vista, ainda que modesta.

A quem confiar êsse pequenito, cuja vida fazia parte da sua?

Passava a ser um objecto de ciùme para a mulher legítima, que tinha um filho — o herdeiro do trôno — aquêlê fruto dos adúlteros amores do marido.

D. Joana, ao conhecer o que se passava,

A PRINCESA SANTA JOANA

vendo a sucessão do trôno garantida, tornou à sua antiga idéa.

Quiz professar, vestir o hábito e, sob a égide de Santa Catarina, entregou-se a seus desejos. Pronunciara-se, sòzinha; a comunidade não lhe assistira. Ela fizera o seu voto de eterna castidade. Ligara-se diante dum altar, sentidamente; dava-se a Deus na hora em que soubera solicitarem-na para espôsa os enviados dos poderosos príncipes da terra.

AS ÚLTIMAS BATALHAS

A DOCE e bela D. Joana, intrinsecamente vestida de santa que da nova Espanha, repelia os pretendentes acudidos pela fama de sua beleza e pela avilada aguilhão político, nasce.

Seu primo D. João, imperador dos Romanos, filho de D. D. Lemos, que se pusera a navegar, e filho de D. João de Meneses da Silva, considerava um casamento com o pedido da mãe da princesa.

Requisou-o com o juramento de castidade. Estava logo diante que não podia ser religião. Profundamente a invocação de hábito, tem de ser e enferma a consideravam; e, del, antes não ser possível subir a um trôno.

Deu-se sentir-se lá a entrada da acção ao solho. Príncipe e mãe suava, e pediu do mais difícil, possível para o céu.

Venuta, de seguida, os laços principais tentativos do rei de França, que já não





SETIMO QUADRO

AS ÚLTIMAS BATALHAS

A DOCE e linda D. Joana, formosa nas vestes santas que de novo tomara, repelia os pretendentes acudidos pela fama de sua belesa e pela avultada significação politica do enlace.

Seu primo Maximiliano, imperador dos Romanos, filho da encantadora D. Leonor, a que despertara a paixão na alma de D. João de Meneses da Silva (1), mandara embaixadores, com o pedido da mão da princesa.

Recusou-o, com o fundamento de sua saúde.

Estava tam doente que nem podia ser religiosa. Proíbiam-lhe a investidura do hábito, tam débil e enferma a consideravam; e, daí, menos lhe ser possivel subir a um trôno.

Devia sentir-se já cansada da ascensão ao sólio. Preferia a mais suave, a-pesar-de mais difficil, passagem para o céu.

Vieram, de seguida, os luzidos plenipotenciários do rei de França, que jámais

(1) *Relicário de Paixão*. Colecção «História»

A PRINCESA SANTA JOANA

deixara de pensar naquêlê casamento. Ainda outra vez indeferira o pedido.

Seguiu-se-lhe a do príncipe de Inglaterra, primo também e aliado do rei, seu irmão.

Nova recusa saiu de seus lábios.

D. João II enfurecera-se. Ordenara a partida da noviça para Alcobaça, onde a aguardava, a-fim-de se entenderem, de vez.

Obrigava tôda a gente a obedecer-lhe.

Tinha a energia, as leis, a sua vontade, os cárceres e os cadafalsos.

Julgou ser mais persuasiva a sua voz que a de todos os políticos e diplomáticos.

Dirigira-se a sua tia D. Filipa, professa de Odivelas, à sábia e preclara filha do duque de Coimbra, a pedir-lhe auxilio para aquêlê intento. Aguardaram-na ambos e também a rainha. Do real conselho de família a princesa, certamente, sairia convencida.

Apareceu nos seus vestidos modestos; escutou as razões e as súplicas; sentiu depender de sua fortaleza o destino que se lhe talhava e, ao ouvir falar do consórcio com o inglês, deu resposta mais convincente.

Declarou o seu voto de castidade, o qual não podia violar, sem incorrer na ira divina.

Encararam-se as régias personagens, num pasmo desolador.

O monarca voltou, porém, em teima, e ela pediu tempo para se consultar. Deixassem-na no seu convento e, ali, ante os altares, voltada para o céu, saberia da vontade do Redentor, melhor do que em qualquer outro recinto.

— Que fôsse — acedeu o soberano, turbado, compreendendo muito bem que jámais a venceria. — Que fôsse. Ficava aguardando sua resposta.

A PRINCESA SANTA JOANA

As duas senhoras abraçaram a princesa e sentiram-na emagrecida, sob o traje humilde. Os cilícios nunca a desacompanhavam, arroxando-lhe a carne formosa, enfraquecendo-a, chancelando-a de sacrifício. Pouco tardou a resposta. Joana revelava ao irmão o que lhe enchia a alma, todo o seu intenso desejo.

E êle era de «cumprir a sua promessa; a que tinha feito a Deus de ser esposa sua, e antes perderia a vida, que era tão fragil, que relaxar o voto que era tão sancto».

O monarca tentou, mais uma vez, convencê-la. Foi repellido. Tirou-lhe as religiosas, deixou-a só, afastou-a de D. Filipa; e ela, de rastos, diante de seu oratório, falava com Deus:

— Contra mim, Senhor, se tem armado o Mundo todo, os Parentes, os Vassallos; as Religiosas não só me desamparão, tambem me perseguem mas não sente a perseguição nem o desamparo quem logra a vossa protecção e a vossa misericordia.

Doara-se; entrara na prece. Pertencia ao Altíssimo, embora andassem ainda os humanos a pretender convencê-la para deixar a vida que escolhera. Ainda lhe appareceu outro noivo. O irmão e a cunhada surgiram, desta vez, de alegres semblantes, diante das rezas do locutório.

O monarca dominara a nobresa; erguera-se, em Évora, o cadafalso ao qual subira o duque de Bragança, D. Fernando, em tempo, noivo da grande amiga de D. Joana, D. Leonor de Meneses. Fôra supliciado, em estátua, na vila de Abrantes, o marquês de Montemor⁽¹⁾ e D. João II, sempre desconfiado mas

(1) *Legendas de Portugal. A estátua do suplicio. Legenda de Abrantes.*

A PRINCESA SANTA JOANA

um pouco mais a aquietar-se, deliberara ir a Aveiro, a oferecer à religiosa a mão do duque de Viseu (1).

Ela arrebatou-se, mais do que nunca.

A-pesar-de sua mocidade, o grande fidalgo, irmão da rainha, tivera amores com uma nobre dama castelhana e dêles nascera um filho.

Como lhe vinham com semelhante noivo, depois do respondido a outros?

O rei devia lembrar-se do seu bastardo, diante das palavras da princesa e talvez nascesse naquêlê instante o seu pensamento de lhe confiar D. Jorge, o filho do pecado, o qual, crescendo no exemplo da santidade, se tornaria num homem de bem, num digníssimo fidalgo. Solicitou-lhe a apeteçida mercê. Parecia aguardar uma resposta negativa. Ela, porém, apenas lhe indicou a priora, D. Maria Ataíde, a única pessoa que poderia dar-lhe o consentimento requerido. Aprovou a prelada aquêlê desejo do soberano.

Distrair-se-ia, a religiosa de sangue real, na educação do sobrinho; naturalmente a criança, com sua gentileza, agradava-lhe; talvez lhe mudasse as tam afervoradas idéas ou, pelo menos, a conduzisse a nova diversão.

O pequenito correndo, brincando, entregue a uma existência buliçosa, agradado da tia, levava-a, decerto, a acompanhá-lo naquelas turbulências próprias da idade.

Encantam-se, geralmente, nos brinquedos infantis as almas femininas. Recordam-se muito da meninice, à vista das crianças e, como em tôdas as mulheres existe um maternal instinto,

(1) *Legendas de Portugal. Justiça de D. João II. Legenda de Setubal.*

elas despertam de seus males, ante as travessuras dos pequenitos.

Os próprios ermitões, nos seus cenóbios, despegam-se da oração ao ouvirem cantar os rouxinóis evocadores dos tempos em que nas suas almas beatificadas outros anêlos moravam.

As crianças fascinam e distraem, com seu vozear; alegram, com seus risos; tornam-nos meditativos, ante suas perguntas e, enxertando-nos vida nova, levam-nos a agitar-nos quando elas se agitam; a folgar, com seus folguedos; a turbar-nos, com suas lágrimas. Estas, porém, são quasi sempre fugazes e só em alegrias se comprazem os companheiros que motivam tantas gentis saudades. Joana, no seu refúgio de santidade, precisava daquela alegria.

Fôra, pois, aceito D. Jorge. A comunidade enchia-o de carinhos e a mais alérte em servi-lo era a tia, na qual despertavam os instintos de bem-querer a alguém, desanuviando-se da clausura.

Tornava-se impossivel deixá-lo só, entregue às aias e às mestras; mesmo que não quizesse via-se obrigada a distrair-se ante as suas constantes interrogações e, ganhando ambos, êle, em ternura, ela, em sentir um affecto, dia a dia mais vivo, amaciavam-se mutuamente os amúos dum nas dôres da outra.

A religiosa, porém, não deixara uma só das suas devoções; tampouco perdera os hábitos das pesadas tarefas; sua existência, dedicada aos sacrificios, não se modificara; apenas no papaguear e na vivacidade do bastardo encontrara mais um motivo para as suas lidas.

Dedicava-lhe um grande carinho mas não o roubava a Deus porque, para com êle, sua devoção crescia, se acaso era possivel ele-

A PRINCESA SANTA JOANA

var-se mais em sua alma o culto que, desde pequenina, votara ao Altíssimo.

Por fim todos se convenceram da inutilidade de a dissuadir de seus votos e de a levar da casa religiosa que escolhera, o único sítio da terra onde se comprazia em viver.

Ya cumprindo os seus desígnios. Dera-se à caridade e ficara pobre; entregara-se ao céu e, para o merecer, ia praticando o que a sua consciência lhe aconselhava, à sombra de tôdas as bondades; jurara a castidade e não tinha outro espôso além de Jesus.

Os príncipes da terra seriam mais felizes com as princesas que amassem o mundo.

Os lábios de Joana estavam puros de todos os contactos. Até aí só tinham beijado as mãos das religiosas, as toalhas dos altares e, agora, a facesita pura duma criança, nascida do êrro, mas à qual mais se devia, exactamente porque proviera do mal.

A religiosa princesa era um grande exemplo de fé e de crença. O povo sentia-o. Já se lhe perdoava a sua renúncia às pompas. Correrá tanto sangue no Reino que bom seria que houvesse, em Portugal, uma santa para o fazer perdoar com as suas súplicas ardentes e imaculadas.





OITAVO QUADRO

VENTURA DUMA SANTA

JOANA nunca mandara castigar ninguém na sua vila de Aveiro mas, ao ter conhecimento do mau porte de certa dama, ordenou que a puzessem além termo. Infligida a pena, sossegara. Fôra o seu primeiro acto de jurisdição.

Uma tarde, passando no arrabalde e sentindo-se devorada pela sêde, pediu um púcaro de água na primeira casa que se lhe deparou. Bebeu sôfregamente, como se tivesse fogo nas entranhas. Mitigara o sofrimento no lar da condenada. Chegando ao mosteiro sentiu grandes aflições, um mal estranho a invadi-la, e logo acamou, dizendo-se, de seguida, ter sido a outra quem a empeçonhara, em vingança.

Possivelmente, era já a enfermidade que a assaltava, pois fácil teria sido prender e flagellar até à morte a assassina, se acaso se lhe provasse o crime.

Mas não sucedera assim ou, pelo menos, ficou ignorada a correcção.

A PRINCESA SANTA JOANA

A princesa estava gravemente atacada por uma febre que a consumia.

Certificara-se da morte e não tinha receio, antes a aguardava com affecto, querendo, porém, deixar a existência purificada, em dia com o perdão, livre dos pecados de que se acusava. Alma inocente, imaginava-se roída de culpas.

Não podia descer ao jardim onde cultivara as suas flôres; D. Jorge não brincava perto do seu leito, como ao comêço. Traziam-lhe notícias, as quais o diziam muito quieto, atormentado, perdida a turbulência. Achegavam-se o velho capelão Pedro Lourenço, a priorêsa, uma ou outra monja, e ela só pensava nas que a tinham molestado, com suas falas, pedindo-lhe que acatasse os designios do rei, e nas que, embora caladas, pareciam, por medrosas, aplaudí-las.

Queria despedir-se delas; abandonar a vida, mas sem deixar a sombra duma recordação má.

É que as censurara, ao vê-las a empurram-na para o mundo, como se não sentissem ser bem melhor servir o Altíssimo.

Preguntava por elas e pelas rosas do seu jardim, evocando os canteiros onde começavam a esplender no fim de Abril que se aproximava.

Abriam-se as pétalas vermelhas e brancas, côr de fogo, ardentes ou docemente desmaiadas; e os amores-perfeitos, de tons diversos, com suas carinhas exóticas, rastejavam junto dos cravos rubros, de perfume estonteante, pertinho das searas argenteas e doiradas dos malmequeres. Os mangericos, de folhitas miudinhas, já se preparavam para, pelo S. João,

A PRINCESA SANTA JOANA

o querido patrono da princesa, perfumar o seio das raparigas; as trepadeiras, florindo e guindando-se, pareciam querer espreitar para os claustros, a saberem de Joana, a-fim-de sossegarem as outras plantas que de há muito não a viam a servi-las de joelhos, regando-as, limpando-as, dando-lhes as carícias de suas mãos como a criancinhas gracios, carecidas de cuidados.

A enferma não melhorava. Debalde, os físicos usavam de tôda a sua sciência. Nem conseguiam que sossegasse; mal atalhavam os vômitos e as dôres. Como fôra resistente, o corpo recusava-se a ceder e dilatava-se-lhe o padecimento.

Com os olhos postos no céu, aguardava a sua hora, sem lágrimas nem queixas, e ninguém a ouvia imprecár, ao sentir a agudesa das garras das dôres, nem mesmo os soluços desalentados.

Apenas gemia, mas logo a seus lábios esmaecidos vinha um doce sorriso de consôlo, como se estivesse entrevendo os gosos celestiais.

Nem sequer lhe escutavam «palavra impaciente; confundia, com a humildade, porque em tudo se dava por bem servida; tão obediente aos remedios, tão agradecida ás consolações, tão afavel com as religiosas que na observancia das virtudes não fez alguma alteração a doença.» (1)

Ía morrer. Quando D. João II soube, em Évora, do estado em que se encontrava a irmã, quiz correr para seu lado, mas os físicos

(1) Fernando Correia de Lacerda - *Vida e Morte da Princesa Santa Joana.*

A PRINCESA SANTA JOANA

detiveram-no, ao participarem-lhe que a encontraria morta.

Estava enfôrma desde Março, mas proïbira que se espalhasse a notícia de seus males; defendera-a, sobretudo do rei, receosa de que a arrancasse dali, pretendesse dar-lhe melhorias, turbando-a, porque só queria viver e finir-se entre as paredes do seu querido convento de Aveiro.

Durante a Semana Santa ainda assistira aos officios divinos, sentada na sua cadeira; entoara, no côro, as hossanas na Alêluia e na Páscoa; e como se as fôrças se lhe tivessem avigorado, por milagre, durante êsses dias e logo a abandonassem trazendo-lhe, de novo, o flagêlo do sofrimento, voltara para o leito, do qual jamais se levantaria.

Apareceram os prelados, a consolá-la; ofereciam-lhe os socorros da religião, o primaz das Espanhas, D. Jorge da Costa; o bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida; o bispo do Porto, D. João de Azevedo. Íam até junto do leito da princesa de Portugal. Não se incomodariam por outra qualquer monja. Sorrindo, Joana percebeu como lhe davam ainda as distinções.

Tratou com êles de coisas religiosas; disse-lhes de todo o alento que a animava, a-pesar do rosto lhe desmentir as fôrças. Ê que, ouvindo os bispos, avigorava-se mais para a idéa da morte, querendo, porém, confessar-se ao seu capelão, mais modesto e humilde do que os príncipes da igreja, saídos de suas prelasias para a ouvirem.

Ê que ainda a consideravam a irmã do rei, quando não desejava ser senão religiosa.

Chamara um tabelião. O official acudira,

más a princesa, encerrada entre os cortina-
dos do leito, tivera a energia suficiente para
traçar as letras de suas derradeiras vontades.

Legava tudo quanto possuía ao seu mosteiro.

Pagava-lhe, dêste modo, o grande bem que fizera à sua alma, os consolos recebidos na clausura.

No dia cinco do exuberante e luminoso Maio ela sentira mais próximo o seu fim. Horas depois celebrava-se o martirio de S. João, o patrono da agonizante.

Desejou ouvir missa.

Pediu que lhe lavassem o rosto e as mãos; quiz mudar de roupa e, sorrindo, como em festa, comungou.

Resando, batia no peito, com tanto vigor, como se lhe tivesse voltado a antiga robustez.

Recebeu a Extrema-Unção, com tal júbilo e alegria, que gerou o pasmo na comunidade, reunida em volta do seu leito.

Dava graças a Deus por seu fim e pedia, humildemente, desculpa às monjas de qualquer mau modo ou queixa que tivessem visto em seu rosto ou escutado de sua boca pecadora. Assim se considerava.

Voltou-se para o prior do convento, a solicitar-lhe uma graça: a de, na prédica que devia fazer no próximo domingo, pedir perdão, em seu nome, ao povo, a tôda a gente, dalguma ofensa recebida da sua pessoa.

Suplicou o mesmo do vigário da vila.

Queria partir da terra cõscia de que se humildara, até na hora de seu fim, pretendendo desagravar-se.

A PRINCESA SANTA JOANA

Viveu ainda seis dias ungida e, num dêles, chamou à sua beira o pequenino sobrinho; achou alento na sua voz para lhe fazer doces recomendações.

Aconselhou-lhe o «amor e temor de Deos, que são os dous polos em que se funda a consciencia.»

Continuou a industriá-lo no que julgava preciso para sua salvação e ânimo na vida:

— Filho, de trez annos viestes para minha companhia, aonde eu e estas religiosas vos creamos com grande amor. Já que Deos é servido levar-me para Si, peço-vos que vos lembreis d'ellas; pois cada qual vos creou como se fôra vossa mãe; razão é que as ameis como se foreis seu filho e venereis esta sancta casa como a em que recebesteis a melhor doutrina e o haver ella, o encerrar, emfim, meu monumento, pôde tambem ser motivo para que desperte vossa lembrança.

O menino ajoelhara, chorando; e ela, pedindo-lhe que fôsse brincar, pois em sossêgo a deixava, sorria, abençoando a cabecita de D. Jorge, a quem muito estimava.

Entraram as monjas na alcôva da moribunda. Solicitou-lhes que resassem a ladainha. Já adiantada a noite. Já tinham batido as duas horas e quando as vozes se ergueram nos *kyries*, fechou os lindos olhos verdes.

Ao evocarem-se *Omnes Sancti Innocentes*, descerrou as pálpebras e volveu para o céu as pupilas, dum intenso e maravilhoso brilho.

Era a própria inocência que se finava.

Morrera e tornara-se tam linda que a comunidade se prosternava, como ante o milagre mais estranho.

A PRINCESA SANTA JOANA

Fenecera, pouco a pouco; espalhara-se-lhe no rosto a palidez das camélias; enrugara-se-lhe a face e, agora, que a morte a arrebatava, Joana florescia em tanto mimo e graça que bem parecia do céu.

O rosto desanuviara-se-lhe; tintas suaves o alegravam; uma serenidade de imagem o enchia e, lindíssima, lembrando a princesa da sua mocidade, era deslumbrante, no triste hábito religioso.

Finara-se.

Dobravam os sinos da vila; em breve lhes responderiam os de todo o Reino.

O povo acorrera à portaria para vêr a que já era tratada de santa; e Pedro Lourenço, o capelão, caindo em êxtase, dizia vêr uma corôa de espinhos — o emblema da morta — «mui resplandecente, esmaltada de recente sangue».

Na ponta de cada um dos picos uma gôta forte parecia soltar-se, como se fôsse o próprio bálsamo das veias do Redentor, unguindo o caixão da imaculada.

Levaram-na para o seu sepulcro, não entre lágrimas, mas em cânticos, porque todos sabiam que ela subiria à glória imarcessível das eleitas; conduziam-na com o preito devido a suas virtudes, mais do que à sua real jerarquia, pois elas a suplantavam, mas lembrando como passára dêste mundo, cheia de felicidade por se encontrar com Deus, ao qual se votara desde a infância.

Na dinastia dos reis batalhadores e rígidos, alguns iniustos e arrebatados, brotara uma Santa para fazer perdoar, no céu, as culpas que tinham na terra.

Ao atravessar-se o jardim, com o ataúde

A PRINCESA SANTA JOANA

de Joana, uma núvem negra toldara o sol de Maio e as flôres pareceram perder o matiz vivo e inclinarem-se ante a morta que lhes dera a vida com os cuidados das suas mãos diáfanas, habituadas a erguerem-se para a abóbada celeste, ungidas pela prece e pela graça de Deus.





